

# Gertrude Davenport e a eugenia

---

Waldir Stefano \*

Aguiar Azambuja Pereira#

---

**Resumo:** Gertrude Crotty Davenport (1866-1946), *née* Gertrude Anna Crotty, destacou-se por suas contribuições para a zoologia. Além disso, ela participou ativamente do movimento eugenista dos Estados Unidos juntamente com seu marido, Charles Benedict Davenport (1866-1944). O presente trabalho consiste em uma tradução comentada de um artigo que ela publicou em *The Independent*, em 1912. Neste artigo, Gertrude apresenta sua própria visão sobre a eugenia e discute sobre a situação em que se encontrava o movimento eugenista no início da década de 1910.

**Palavras-chave:** Francis Galton; Karl Pearson; Charles Davenport; Cold Spring Harbor; sécs. XIX e XX

## Gertrude Davenport and eugenics

**Abstract:** Gertrude Crotty Davenport (1866-1946), *née* Gertrude Anna Crotty, was noted for her contributions to zoology. In addition, she actively participated in the United States eugenics movement along with her husband, Charles Benedict Davenport (1866-1944). The present work consists of an annotated translation of Gertrude's article published in *The Independent* in 1912. In this article, she presents her view on eugenics in general. In addition, she discusses the situation in which the eugenics movement found itself at the beginning of the 1910s.

**Keywords:** Francis Galton; Karl Pearson; Charles Davenport; Cold Spring Harbor; 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries

---

\* Universidade Presbiteriana Mackenzie. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS). *E-mail:* waldir.stefano@mackenzie.br

# Universidade Presbiteriana Mackenzie. Estudante de Graduação do curso de Psicologia. Programa de Iniciação Científica PIVIC- Mackenzie 2019-2021; Estudante de Graduação do curso de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PIBIC-CEPE/PUC-SP 2022-2023. *E-mail:* aguiarazambujapereira@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Embora a ideia de aperfeiçoamento da espécie humana defendida por Francis Galton (1822-1911), estivesse presente na obra *Hereditary genius* (Galton, 1869) somente vários anos depois o termo *eugenia* foi definido por ele como a “ciência do melhoramento da espécie humana” (Galton, 1883, pp. 24-25; Castañeda, 2003, p. 902). Ele estudou genealogias nas quais observou em várias gerações de uma mesma família como as características físicas, além de outras como a inteligência, a habilidade musical, eram herdadas (Adams, 1990, p. 3; Stefano, 2001, p. 5).

A ideia de que a eugenia era a “ciência” do melhoramento da hereditariedade humana, se difundiu em muitos países como Estados Unidos, Grã-Bretanha, Alemanha, França, Rússia e Brasil, a partir do início do século XX. Surgiram sociedades, publicações e laboratórios a ela relacionados (Adams, 1990, p. 5; Stefano, 2001, p. 5; Stepan, 2005). Personagens de destaque na área médica e jurídica bem como cientistas participaram do movimento (Farrall, 1979; Stefano, 2001, p. 5), incluindo mulheres como Marie Charlotte Carmichael Stopes (1880-1958) e Gertrude Crotty Davenport (1866-1946)<sup>1</sup>.

Alguns cientistas que trabalhavam com a genética mendeliana como William Ernest Castle (1867-1962) e Charles Benedict Davenport (1866-1944) participaram do movimento eugênico (Farrall, 1979, p. 123; Stefano, 2001, p. 5).

Gertrude Davenport desenvolveu seus estudos em zoologia na Universidade do Kansas e no *Radcliffe College*<sup>2</sup>, situado em Cambridge, MA. Foi no *Radcliffe College* que ela conheceu Charles Davenport, um de seus professores de zoologia, com quem se casou em 1894 (Hahn, 1988; Harvey & Olgivie, 2000, p. 665). Ela trabalhou com a embriologia de quelônios e publicou um livro a respeito (Davenport, 1896).

Juntamente com seu marido, Gertrude estudou a hereditariedade em humanos, incluindo cor de olhos, cabelo e pele em *Cold Spring Harbor*<sup>3</sup>. Alguns autores como Mark Largent, consideram que é possível

---

<sup>1</sup> Ver a respeito do trabalho das mulheres no laboratório em Creese, 1998.

<sup>2</sup> Fundada em 1879, esta instituição oferecia ensino superior para mulheres. A partir de 1963, concedeu diplomas conjuntos com Harvard, Harvard-Radcliffe aos estudantes de graduação e pós-graduação.

<sup>3</sup> Ver a respeito em Allen, 1986.

que o interesse pela eugenia por parte de Gertrude tenha sido anterior ao interesse de seu marido e que foi ela que o incentivou nessa direção (Largent, 2011).

Charles Davenport foi convidado, em 1893, para o cargo Diretor da *Station for Experimental Evolution* no Laboratório de *Cold Springs Harbor*, New York. Nesta instituição Gertrude<sup>4</sup> trabalhou em métodos microscópicos e atuou no conselho auxiliar das mulheres até 1903 (Harvey & Ogilvie, 2000, p. 665). Mais tarde, ela assumiu uma posição não remunerada auxiliando Charles em suas pesquisas.

O casal Davenport (fig. 1) publicou diversos trabalhos. Dentre eles, dois livros didáticos: *Introduction to Zoology* (1900) e *Elements of Zoology: to accompany the field and laboratory study of animals and was to be used as a guide for zoology studies and experimentation* (1911). Gertrude também publicou artigos sobre zoologia (Davenport, G., 1896; Davenport, G., 1902). Além do interesse pela zoologia, foi na genética, com os trabalhos sobre hereditariedade, que os Davenport (Davenport & Davenport, 1910 a; Davenport & Davenport. 1910 b) se destacaram.

Gertrude Davenport produziu como única autora trabalhos científicos originais propagando a ciência para o público em geral, sobre zoologia, genética e eugenia, incluindo o artigo cuja tradução aparece mais adiante. Nesta transparece a visão de Gertrude sobre a eugenia e seu engajamento no movimento eugênico. O artigo propriamente dito é precedido de uma introdução do Editor do periódico *The Independent*:

O movimento eugenista atingiu agora um ponto onde o interesse e a cooperação do público podem ser solicitados sem perigo de dano à causa, por meio da concepção popular equivocada de seus objetivos e da deturpação de seus ideais científicos. O próximo Congresso Internacional de Eugenia mostrará ao mundo o quanto foi realizado pelo estudo da hereditariedade humana, que foi tão ativamente desenvolvido nos últimos anos. O principal centro desse trabalho na América é o Carnegie Laboratory for Experimental Evolution em Cold Spring

---

<sup>4</sup> Gertrude não ocupou um cargo remunerado, mas ela e Charles colaboraram em diversas publicações sobre evolução experimental. Ela pesquisou sobre a embriologia da tartaruga, variação em *Sargatia* e estrela-do-mar, variações em organismos e hereditariedade humana (Harvey & Ogilvie, 2000, p. 665).

Harbor, sob a direção de Charles B. Davenport<sup>5</sup>. A Sra. Davenport colaborou com ele em muitas dessas pesquisas e está totalmente familiarizada com o movimento cujo significado e método ela explica aqui. – Editor, 1912, p. 146]



**Fig. 1** Gertrude e Charles Davenport.

Disponível em: <<https://www.amphilsoc.org/bulletin/2002/davenport.htm>>

---

<sup>5</sup> Charles Davenport (1866-1944) foi um biólogo, PhD e professor em Harvard, considerado como um líder e importante representante do movimento eugenista dos Estados Unidos da América (Sussman, 2020, p. 370).

## 2 TRADUÇÃO: O MOVIMENTO EUGENISTA POR GERTUDE C. DAVENPORT

[146] Uma HISTÓRIA da Eugenia deveria começar não com o homem primitivo, mas com o protoplasma primitivo, com os primeiros seres vivos; pois a natureza foi o primeiro Eugenista e os instrumentos com que ela trabalhou foram à luta pela existência e a seleção na natureza. A natureza moldou e descartou desse protoplasma por gerações antes de moldar o homem. E, por falar nisso, nem mesmo com o que o homem era ou é agora, ela está contente. Sempre e onde quer que o homem seja deixado nas mãos da natureza, ele obedece às suas ordens e representa pouca ameaça para si mesmo. Assim, quando o homem primitivo lutou pela própria vida com o solo, com o clima, com os animais selvagens, com as doenças e com os outros homens, a natureza viu que aquele que fosse incapaz de lutar com todos ou com qualquer desses adversários era eliminado e não deixaria sua “semente” “habitar a terra”. Assim, a natureza moldou os homens com perseverança, visão aguçada e julgamento rápido. O cego, o manco e o vacilante eram presas para o homem ou animal. Quando o homem interrompeu sua vida nômade e se estabeleceu em habitats fixos, começou a se afastar dos caminhos da natureza e sua hereditariedade, consequentemente sofreu. Então, quando ele foi para a guerra, ele o fez como um corpo selecionado, o forte de cérebro e músculos, enquanto o manco e o cego permaneceram em casa com as mulheres e crianças. Nessa época, começou a haver um abandono constante do outro extremo da escala humana e o tímido, o manco, o paralisado e o cego permaneceram em casa para aumentar o seu tipo. E, nessa condição o homem permaneceu por séculos e começou só recentemente a emergir. Claro que tem havido exceções notáveis, como as testemunhadas pelos espartanos. Mas, em contraste com os espartanos, estava o Império Romano, no qual tanto os melhores eram mortos na guerra como sugados da terra saudável pelo redemoinho da própria cidade de Roma, apenas para sucumbir eventualmente às suas lutas e vícios.

Quando o homem se converteu aos ensinamentos da bondade e do amor fraternal, não era consistente com sua fé expor o bebê recém-nascido nas encostas sombrias da colina, mesmo que ele permanecesse para sempre degradado. Certamente, em sua felicidade por estar livre [147] das constantes contendas físicas, dos horrores da fome, do frio e

das doenças, o homem se esqueceu de que aqueles que sobreviviam na fome e nas epidemias de doenças pestilentas eram os fortes e imunes; e, em seu esquecimento, ele construiu, às expensas do estado quando necessário, abrigos para os defeituosos e delinquentes, onde eles pudessem viver em segurança. Até agora a natureza sorriu, pelo que sabemos, mas quando o homem libertou os enfermos na idade da maturidade para reproduzir o seu tipo, então a natureza começou a considerar o homem normal a partir dos mesmos homens degradados.

É apenas na presente década que nós começamos, em grande medida, a perceber que o homem, em seu zelo por controlar seu próprio destino, falhou em considerar quão benéficas são as leis da natureza e quão terrível é a natureza quando seus trabalhos são frustrados. É a percepção desses fatos que convenceu o homem de que alguma mudança é necessária na administração de seus próprios assuntos. É a percepção de que cinco por cento de nossa população é incompetente por causa de herança ruim como a imbecilidade, a criminalidade e a doença, e que o cuidado com esses incompetentes está custando aos contribuintes dos Estados Unidos anualmente centenas de milhões de dólares, o que leva o cidadão comum e o político a perceber que devemos fazer algo para conter essa maré de incompetência e, dizem, que esse número anual de incompetentes está aumentando em proporção à população normal e o dinheiro para sua manutenção deve, em consequência [disso], aumentar proporcionalmente em todo o orçamento. É esta percepção que originou o chamado Movimento Eugênico.

Faz pouco mais de meio século que temos mais conhecimento a respeito das leis de hereditariedade em plantas e animais, apesar do fato de que o homem tem controlado mais ou menos a reprodução de muitos deles desde antes do alvorecer da história. Não se perdeu muito tempo na aplicação dessas leis aos seres humanos. O estímulo para o presente movimento eugênico veio de Francis Galton e da redescoberta das leis da hereditariedade formuladas por Gregor Mendel. Há quarenta e dois anos, Galton publicou seu “Hereditary Genius”, no qual ele expõe o papel que a hereditariedade tem na produção de grandes homens e chega à conclusão óbvia de que o homem é melhorado pelo acasalamento dos melhores.

Trinta anos atrás, Loring Moody<sup>6</sup>, de Boston, escreveu um livreto intitulado “Hereditariedade: sua relação com o desenvolvimento humano. Correspondência entre Elizabeth Thompson e Loring Moody”. Neste livro, Moody expõe sua “sincera esperança e expectativa” de que colaboradores logo aparecerão para ajudá-lo a fundar um ‘Instituto de Hereditariedade’ que construirá uma biblioteca, estabelecerá palestras em escolas e assumirá a difusão do conhecimento sobre o assunto de melhorar nossa raça pelas leis da fisiologia”. Esses planos falharam com a morte do projetista.

Há pouco menos de um quarto de século, o Dr. Alexander Graham Bell<sup>7</sup> estabeleceu o *Volta Fund*, que agora tem mais de \$100.000. Com este fundo, o *Volta Bureau* é mantido em Washington, D. C. Aqui estão alojados os registros de mais de vinte mil surdos-mudos. Os nomes e as histórias desses surdos estão organizados sistematicamente de modo a permitir seu acesso em qualquer momento. Todos esses manuscritos e índices são mantidos em um cofre à prova de fogo.

Por volta de 1905, o falecido Sir Francis Galton contribuiu para o avanço da Eugenia na Inglaterra fundando o *Eugenics Laboratory* no *University College*, em Londres, e com sua morte, tornou esse laboratório seu legado. Este laboratório está publicando o “Treasury of Human Inheritance”, sob a direção do Professor Karl Pearson<sup>8</sup>. Outra publicação em inglês é *The Eugenics Review*, agora em seu terceiro volume.

---

<sup>6</sup> Loring Moody, estadunidense, autor da obra *Heredity: its relation to human development*. A correspondência entre Elizabeth Thompson e Loring Moody, mencionada por Gertrude, foi uma das primeiras literaturas sobre eugenia, publicada em 1882, pelo *Institute of Heredity*, em Boston (Hamilton, 1914, p. 370).

<sup>7</sup> Alexandre Graham Bell (1847-1922) é conhecido por ser o criador do telefone. Graham Bell também participou do movimento Eugenista. Era contrário ao matrimônio de surdos, ou de pessoas com parentes surdos, pois para ele, esse matrimônio perpetuaria a surdez, considerada um defeito da raça humana pelos eugenistas. Graham Bell suponha que o casamento contínuo entre parentes, que possuíssem defeitos congênitos, resultaria, após gerações, na produção de uma raça humana defeituosa (Silva & Souza, 2016, p. 21).

<sup>8</sup> O matemático e estatístico Karl Pearson (1857-1936), além de suas contribuições para a biometria, participou do movimento eugenista. Em outubro de 1904 Galton ofereceu à *London University* £ 1,500 para financiar três anos de estudo sobre a “Eugenia Nacional”. Com a morte de Galton, foi criada a cadeira de Eugenia na Universidade de Londres e Pearson foi o primeiro a ocupá-la o que ocorreu até 1933 (Semmel, 1958, p. 119).

Ele é publicado trimestralmente em Londres pela *Eugenics Education Society*. Os objetivos desta sociedade são: “(1) persistentemente expor a importância nacional da Eugenia para modificar a opinião pública e criar um senso de responsabilidade a respeito de trazer todos os assuntos relativos ao parentesco humano sob o domínio dos ideais eugênicos. (2) Difundir o conhecimento sobre as leis da hereditariedade, na medida que elas são conhecidas de modo seguro e na medida que esse conhecimento possa afetar o aprimoramento da raça. (3) Para ampliar o ensino eugênico, em casa, nas escolas, e em outros lugares”.

Na Alemanha, muitos artigos esplêndidos [148] e livros tratando da hereditariedade humana estão sendo publicados de tempos em tempos e o periódico intitulado *Archiv für Rassen - u. Gesellschafts-Biologie*, agora em seu oitavo ano, publica um número de artigos baseados nas investigações e nas reflexões sobre a hereditariedade humana.

O pêndulo oscila novamente para a América e, em outubro de 1910, o *Eugenics Record Office* foi inaugurado em *Cold Spring Harbor*, Long Island, NY. Este escritório é administrado juntamente com a *Eugenics Section of the American Breeders' Association*, organizada há um ou dois anos atrás. O *Record Office* está situado em uma área de oitenta acres de terra e está bem instalado em uma grande residência à qual foi adicionada uma abóbada de concreto à prova de fogo. Aqui, uma parte do pessoal do escritório é mantida ocupada formulários sobre hereditariedade para aqueles que voluntariamente se oferecem para preenchê-los, e catalogando as informações recebidas. Aqui, também, está sendo criada uma biblioteca com histórias genealógicas e de cidades. Espera-se com o tempo tornar esta biblioteca a mais completa dos Estados Unidos. Adicionalmente, este escritório mantém um número considerável de “Trabalhadores de Campo” cujos deveres são ir às localidades, conforme orientado pelos gestores do escritório, e coletar dados sobre a herança de características particulares, tanto mentais quanto físicas. Os relatórios desses trabalhadores de campo são catalogados e arquivados para uso futuro ou quando suficientemente volumosos e esclarecedores são publicados pelo escritório. Assim, o trabalho principal do escritório “é a investigação das leis de herança de características nos seres humanos e sua aplicação à Eugenia”. Essas investigações são publicadas em duas séries [...]. “O *Eugenics Record Office* deseja cooperar



com instituições e órgãos de controle estaduais na organização do estudo das linhagens defeituosas e criminalísticas em cada um deles. Oferecerá sugestões como a organização de sociedades locais dedicadas ao estudo da Eugenia. Seus serviços são gratuitos para pessoas que buscam conselhos como as consequências de casamentos propostos. Em uma palavra, é dedicado ao avanço da ciência e prática da Eugenia”. Há poucos indivíduos que não contribuem pelo menos para o acúmulo de fatos, relatando suas próprias histórias hereditárias e de suas famílias. Ou eles podem chamar a atenção do escritório de registros para casos de transmissão de características físicas e mentais incomuns que possam ser observadas em outras pessoas. É importante do ponto de vista eugênico conhecer o comportamento hereditário da genialidade, bem como do crime e da doença.

A Eugenia está progredindo em todo o mundo tão rapidamente que se julgou conveniente realizar o primeiro Congresso Internacional de Eugenia em Londres durante a última semana de julho de 1912. O presidente do congresso é o Major Leonard Darwin, filho de Charles Darwin e parente de Sir Francis Galton. Sete dos vinte e oito vice-presidentes são norte-americanos, enquanto Alemanha, França, Suíça e Itália também compartilham em grande parte desta honra. O anúncio oficial afirma que:

“No presente, a necessidade mais urgente é um *conhecimento*, maior dos fatos da hereditariedade e da ação das instituições sociais que causam mudança racial e das formas de modificá-la e controlá-la.” “É necessário que aqueles que estão atentos para os perigos da presente situação social devam se unir com o objetivo de trocar ideias e se instruir e chegar a um acordo sobre um esquema de ação”.

“É esperado, por meio deste Congresso, produzir um conhecimento mais abrangente sobre os resultados das investigações desses fatores que produzem uma melhora ou decadência racial; discutir até que ponto o conhecimento existente requer uma ação legislativa e organizar a cooperação das sociedades existentes e trabalhadores.”

O congresso se propõe a receber artigos que possam ser agrupados nas quatro seguintes seções:

1. As Relações entre a Pesquisa biológica e a Eugenia
2. As Relações entre as Pesquisas sociológicas e históricas e a Eugenia

3. As relações da Legislação e dos Costumes sociais com a Eugenia.
4. Consideração sobre as Aplicações práticas dos Princípios eugênicos

Cold Spring Harbor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, Garland A. *The Eugenics Record Office at Cold Spring Harbor, 1910-1940*. *Osiris*, **2**: 225-264, 1986.
- CASTAÑEDA, Luzia A. Eugenia e casamento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, **10** (3): 901-930, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702003000300006>. Acesso em jan. 2021.
- CREESE, Mary. *Ladies in the laboratory. American and British women in science, 1800-1900: A survey of their contributions to research*. Lanham: The Scarecrow Press, 1998.
- DAVENPORT, Charles Benedict; DAVENPORT, Gertrude Anna Crotty. *Introduction to zoology: a guide to the study of animals, for the use of secondary schools*. London: Macmillan Company, 1900. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/68349#page/9/mode/1up>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- DAVENPORT, Charles Benedict; DAVENPORT, Gertrude Anna Crotty. *Elements of zoology, to accompany the field and laboratory study of animals*. New York: Macmillan, 1911. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/115746#page/9/mode/1up>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- DAVENPORT, Gertrude. *The primitive streak and notochordal canal in Cebelia*. Boston: Ginn & Company, 1896. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/26729#page/3/mode/1up>. Acesso em 12 jan. 2021.
- DAVENPORT, Gertrude. *Variation in the number of stripes on the Sea-anemone, Sagartia Luciae*. New York: Henry Holt & Company, 1903.
- DAVENPORT, Gertrude; *The eugenics movement. The Independent*, **72**: 146-148, 1912. Disponível em: <https://archive.org/details/independent72newy/page/146/mode/2up>. Acesso Dez. 2020.

- DAVENPORT, Getrude; DAVENPORT, Charles. *Heredity of skin pigmentation in man. The American Naturalist*, **44** (527): 641-672, 1910a. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2455612>>. Acesso em: 10/1/2021.
- DAVENPORT, Gertrude; DAVENPORT, Charles. Heredity of skin pigment in man. II. *The American Naturalist*, **44**(528): 705-731, 1910b. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2455665>>. Acesso em 12 jan. 2021.
- GALTON, Francis. Hereditary genius: the judges of England between 1660 and 1865. *Macmillan's Magazine*, 424-481, 1869.
- GALTON, Francis. *Inquiries into human faculty and its development*. London: Macmillan, 1883.
- HAMILTON, A. E. Pioneers in eugenics. *Journal of Heredity*, **5**(8): 370-372, 1914.
- HARVEY, Joy; OGILVIE, Marilyn Bailey. Davenport, Gertrude (Crotty) (1866-1946). Pp: 665-666, in: OGILVIE, Marilyn Bailey; Harvey, Joy D. (ed). *The biographical dictionary of women in science: pioneering lives from ancient times to the Mid-20th Century*. Vol. 1. New York and London: Routledge, 2000.
- LARGENT, Mark. A. *Breeding contempt: the history of coerced sterilization in the United States*. Rutgers: Rutgers University Press, 2011.
- FARRALL, Lyndsay A. The history of eugenics: A bibliographical review. *Annals of Science*, **36** (2): 111-123, 1979. Disponível em DOI: <<https://doi.org/10.1080/00033797900200431>>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- SEMMELE, Bernard. Karl Pearson: Socialist and Darwinist. *The British Journal of Sociology*, **9** (2): 111-125, 1958. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/587909>> Acesso em: 10/1/2021.
- SILVA, Morena Dolores Patriota da; SOUZA, Regina Maria de. A formação de uma variedade surda da raça humana: o olhar eugênico de Alexander Graham Bell sobre a pessoa surda. *Revista Digital de Políticas Linguísticas*, **8**: 17-37, nov. 2016. Disponível em: <<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/RDPL/article/view/1539>> Acesso em: 10/1/2021.
- STEFANO, Waldir. *Octavio Domingues e a eugenia no Brasil: uma perspectiva 'mendeliana'*. São Paulo, 2001. Dissertação. Mestrado em História da

- Ciência. Programa de Estudos Pós Graduated em História da Ciência. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- STEPAN, Nancy. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz 2005.
- SUSSMAN, Robert W. *The myth of race: the troubling persistence of an unscientific idea*. London: Harvard University Press, 2020
- TEIXEIRA, Izabel Mello; SILVA, Edson Pereira. História da eugenia e ensino de genética. *História da Ciência e Ensino*, **15**: 63-80, 2017.

**Data de submissão:** 16/12/2021

**Aprovado para publicação:** 26/10/2022